



A utilização dos saberes locais na produção de orgânicos: um estudo a partir da realidade do Grupo de Agricultores Ecologistas de Forqueta, Arroio do Meio, RS, BRASIL

Local knowledge use in organic production: a study based on Arroio do Meio, Forqueta, Ecological farmers group, RS, Brazil.

TURATTI, Luciana¹; PÁDUA, Lucas Nicolini Barreto de²; NIEDERMAYER, Guilherme Weiss³

¹ Universidade do Vale do Taquari – UNIVATES, lucianat@univates.br; ² UNIVATES, lucas.padua@univates.br; ³ UNIVATES, guilherme.n@universo.univates.br

Eixo temático: Construção do Conhecimento Agroecológico e Dinâmicas Comunitárias

Resumo: A falibilidade dos modelos de agricultura predominantes tem dado vazão ao retorno de uma agricultura mais tradicional, que, apoiada nos antigos ensinamentos, busca constituir relações harmônicas com a natureza. O objetivo deste trabalho é verificar em que medida o Grupo investigado utiliza-se dos saberes locais na produção de orgânicos e como ocorre o processo social de aprendizagem e de seu compartilhamento. A pesquisa é qualitativa, descritiva, explicativa e tem caráter intervencionista. Como resultados parciais tem-se a criação de uma proposta metodológica apoiada na lógica da pesquisa-ação-participante, aplicada na produção de um audiovisual contendo relatos das agricultoras, no qual, roteiro, filmagem e edição foram compostos pelas participantes, bem como o registro dos saberes que emergiam naturalmente nas falas das participantes.

Palavras-chave: Política Nacional de Agroecologia; metodologia participativa; descolonização dos saberes; potencial endógeno.

Keywords: National Agroecology Policy; participatory methodology; decolonization of knowledge; endogenous potential.

Introdução

A centralidade assumida pela busca da segurança alimentar por parte da sociedade, bem como as propostas de superação dos impactos socioambientais ocasionados pelo modelo de produção tido como convencional, tem impulsionado o consumo de orgânicos. Apoiada na retomada dos meios de produção entendidos como tradicionais, que foram substituídos, na segunda metade do último século, por uma lógica orientada pela maximização da produção e pela eficiência econômica, a agroecologia surge como um contraponto às dinâmicas até então existentes. Sabe-se, contudo, que a lógica que fundamentou a agricultura convencional, mesmo sendo responsável por uma crise socioambiental, ainda hoje é aplicada em larga escala e engloba o cultivo intensivo do solo, a monocultura, a irrigação, a aplicação de fertilizantes inorgânicos, o controle químico de pragas e a manipulação genética de plantas cultivadas.

As consequências deste modelo abriram espaço para novas indagações e o resgate de uma agricultura mais tradicional, fundamentada nos saberes locais e conhecimentos tradicionais e na construção de relações harmônicas com a natureza.

Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe - v. 15, no 2, 2020.



Frente a demanda por sistemas sustentáveis relacionados aos processos de produção de alimentos, em 20 de agosto de 2012, foi publicado no Brasil o Decreto Nº 7.794, que estabelece a Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica – PNAPO e induz, por meio das suas diretrizes, ao estreitamento dos conhecimentos das diversas áreas científicas com os saberes dos agricultores (BRASIL, 2012).

Pautado em tais premissas, a pesquisa ora apresentada, se propõe a verificar em que medida o grupo de agricultores ecologistas da localidade de Forqueta em Arroio do Meio, RS, utiliza-se dos saberes locais na produção de orgânicos e como ocorre o processo social de aprendizagem e compartilhamento deste conhecimento. A escolha deste grupo se deu por ser o primeiro grupo de agroecologistas da região do Vale do Taquari e pelo tempo de atuação, que supera 20 anos. A proposta estabelece suas bases em metodologias participativas, sendo que a abordagem adotada é qualitativa. Os resultados parciais da proposta emergem da proposta metodológica aplicada ao grupo quando da produção de um vídeo-documentário contendo relatos das agricultoras, no qual, roteiro, filmagem e edição foram compostos pelas participantes.

Este trabalho integra a pesquisa denominada “Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica: a construção de sentidos entorno das diretrizes nacionais pelo Grupo de Agricultores Ecologistas de Forqueta, Arroio do Meio, RS, Brasil”, que conta com apoio do CNPq por meio do Edital Universal.

Metodologia

A pesquisa é qualitativa, pois o processo e seu significado são os focos principais de abordagem. Quanto aos fins a pesquisa é descritiva, explicativa e tem caráter intervencionista e quanto aos meios ela é bibliográfica, documental e de campo.

A amostra caracteriza-se como qualitativa, não probabilística, por acessibilidade e tipicidade. Por acessibilidade porque seleciona elementos por facilidade de acesso a eles, não leva em conta procedimento estatístico. E por tipicidade porque selecionam-se os elementos considerados representativos da população-alvo sobre a qual se quer aprofundar o conhecimento.

O tratamento dos dados levantados ocorreu por meio da análise textual: um processo de desconstrução, seguida de reconstrução, de um conjunto de materiais linguísticos e discursivos, produzindo-se a partir disso, novos entendimentos sobre os fenômenos e discursos investigados.

Os resultados ora apresentados são oriundos de dinâmicas participativas, aplicadas ao longo de 05 encontros, organizados para construção participativa do documentário sobre a história do grupo, do qual participaram 05 agricultoras ecologistas. Roteiro e filmagens foram realizados por elas e a edição também contou com a participação direta das envolvidas. A equipe da pesquisa registrou os momentos e as falas das agricultoras de forma a verificar que sentidos e manifestações emergiam espontaneamente sobre a temática dos saberes locais. Os resultados ora

Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe - v. 15, no 2, 2020.



apresentados não envolveram as agricultoras, por se tratar de uma etapa inicial da pesquisa. A proposta ainda envolve o registro dos saberes por meio de cadernos de memória e entrevistas semi-estruturadas. Somente após a conclusão destas etapas os resultados serão socializados.

Resultados e Discussão

A abordagem realizada por autores que tratam da evolução teórico-normativa da agroecologia, deixa transparecer que suas bases epistemológicas ainda encontram-se intimamente ligadas ao pensamento positivista, o que fica caracterizado pela grande aceitação dos saberes científicos em contraposição aos saberes locais. Norgaard e Sikor (1999) dão ênfase a esta preocupação quando sustentam que faz-se necessária uma abertura epistemológica que seja capaz de introduzir os saberes dos camponeses neste segmento. Os autores defendem que as comunidades tradicionais possuem saberes em relação aos agrossistemas que a ciência até então não vinha conseguindo incorporar.

Beck (2011, p. 253) corrobora com esses autores, quando defende a necessária dissolução do monopólio social da ciência sobre a verdade, posto que “o recurso a resultados científicos para sustentar definições socialmente vinculantes de verdade torna-se cada vez mais necessário, mas ao mesmo tempo, cada vez menos suficiente”.

A leitura dos diários de campo relativos a elaboração do vídeo-documentário evidenciou aspectos associados ao grau de importância atribuído aos saberes por ela adquiridos, uma vez que na sua visão estes são tidos como inferiores se comparados aos saberes científicos. Neste sentido, também ficou clara a preocupação por parte delas em espelhar ou até mesmo comparar o que sabem com o saber de outras pessoas.

Ao longo do processo de composição do roteiro realizado a partir das suas escolhas, percebeu-se que a referência a saberes transmitidos ao longo das diversas gerações ou advindos da própria comunidade, poucas vezes foram lembrados, o que pode estar relacionado a importância a estes atribuída. As agroecologistas demonstraram entender que o seu conhecimento é algo comum, simples, deixando transparecer até mesmo um certo desprezo pelo que sabem. Tão comum, segundo elas, que nem mesmo necessitaria aparecer quando do roteiro do documentário ou ainda das suas falas.

Norgaard e Sikor (1999) já alertavam sobre esta situação, mencionando a necessidade dos agroecologistas reconhecerem que a ciência ainda não foi capaz de incorporar os seus saberes em relação aos agrossistemas.

Assumir essa postura, contudo, gera impactos de grande envergadura epistemológica no campo científico, pois admitir que entre os camponeses existem saberes importantes, implica em aceitar a existência de uma grande quantidade de



possibilidades que variam em função de questões geográficas e culturais. Se a ciência convencional busca um único caminho para explicar a realidade, a agroecologia busca incorporar a complexidade do real para identificação desses caminhos (BORSATTO e DO CARMO, 2012).

Em outra manifestação as agricultoras mencionaram que elas ainda teriam que voltar para escola para aprender e que não compreendiam porque “nós” da academia valorizamos tanto o trabalho que estas fazem.

Referiram, em contrapartida, e isto demonstrando afeto, cursos sobre técnicas agrícolas por elas frequentados e livros que contém o conhecimento e o registro do saber do outro (como o de agroecologistas que as auxiliaram). Também explicaram que há um bom sistema de trocas entre elas. “Uma vai busca o conhecimento e compartilha na volta”, deixando transparecer que este deve ser o espírito da agroecologia, onde todos se ajudam. Outra menção foi relativa ao compartilhamento das “novidades” que segundo elas já é tido como habitual.

Em outra fala ficou evidenciado parte dos aprendizados ou saberes transmitidos: “O inço faz parte da agroecologia”, disse uma delas. A preocupação com a qualidade do alimento consumido e vendido, devido a sua estreita relação com uma vida mais saudável também apareceu ao longo dos registros.

A relação com a natureza também emergiu das falas quando estas acentuaram a harmonia, admiração e respeito pelo ambiente no qual vivem (“O amor na produção faz efeito: fico falando com as flores”; “se você machuca uma árvore deve pedir desculpas”; “Como a natureza é perfeita, né?”). Relataram cuidado com o que estão construindo, valor e sincronia no espaço em que vivem, e a importância de cada coisa ter o seu lugar (“um passarinho que constrói a casa em uma área perto das nossas casas será respeitado da mesma forma que um vizinho”).

Mais do que um modo de produção, os relatos conduziram a compreensão de que elas identificam na agroecologia um estilo ou modo de vida. Nas palavras de uma delas: “Ser agroecologista é um estilo de vida”.

O que se percebe, ao final desta etapa, é que apesar das agroecologistas não se expressarem diretamente sobre os saberes locais quando da composição do documentário, muitos saberes foram evidenciados ao longo deste processo (a relação de respeito com a natureza; o cuidado com todos os elementos nela presentes; o sentimento de pertença; as relações de troca de favores e informações entre elas, e outros). O não reconhecimento de forma direta destes saberes ou, até mesmo, a compreensão de que estes não são importantes, parece ser resultado da história, uma vez que os saberes científicos sempre foram privilegiados em detrimento dos “saberes populares”. Resgatar esses saberes, e demonstrar sua importância, dentro daquilo que Leff (2012) denomina de “diálogo de saberes”, talvez possa romper com esse cenário e provocar um novo capítulo na história.



Conclusões

O presente estudo busca inovar no campo da pesquisa, uma vez que transpõe o plano teórico acerca da utilização dos saberes locais na produção de orgânicos e investiga, de forma empírica e localizada, os elementos que contribuem para sua formação, bem como os processos sociais que possibilitam sua aprendizagem e compartilhamento, através de metodologias participativas.

O registro destes saberes se coloca como um potente mecanismo de reconstrução das bases epistemológicas da agroecologia que ainda se encontram atreladas ao positivismo e a compreensão de que os saberes científicos se sobrepõem aos saberes locais ou conhecimentos tradicionais. Para contrapor essa lógica, é fundamental reconhecer que entre os agricultores existem saberes relevantes.

Agradecimentos

À pesquisadora Professora Dra. Jane Márcia Mazzarino, integrante do Grupo de Pesquisa. Ao CNPq que, por meio do Edital Universal, vem apoiando a presente pesquisa. À UNIVATES que também é uma das financiadoras da pesquisa.

Referências bibliográficas

BECK, Ulrich. **Sociedade de risco**: rumo a uma outra modernidade. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: Editora 34, 2011.

BORSATTO, Ricardo Serra; DO CARMO, Maristela Simões. Agroecologia e sua epistemologia. **Interciencia**. V. 37, n. 9, sep 2012.

BRASIL. Decreto Nº 7.794, de 20 de agosto de 2012. **Institui a Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (PNAPO)**. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/decreto/d7794.htm, acesso em 24 de outubro de 2015.

LEFF, Enrique. **As aventuras da epistemologia ambiental**: da articulação das ciências ao diálogo de saberes. São Paulo: Cortez, 2012.

NORGAARD, R. B.; SIKOR, T. O. Metodología y práctica de la agroecología. In: Altieri, M. A. Agroecologia – **Bases científicas para una agricultura sustentable**. Montevideo: Editorial Nordan-Comunidad. 1999.